

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	CÓDIGO DA FICHA					
	PE	01	00	12	F60	01
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Região Metropolitana do Recife
LOCALIDADE	Recife, Olinda, Jaboatão dos Guararapes, Igarassu
MUNICÍPIO / UF	Recife, Olinda, Jaboatão dos Guararapes, Igarassu/PE

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Alfaia/Bombo
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Afaia, faia, afalha, tambor, zabumba.
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. EXECUTANTE

OBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O (A) ENTREVISTADO (A) VER ANEXO 4: CONTATOS.

NOME	Vide item 16.3 (outras observações).	☐ MASCULINO	
		☐ FEMININO	
OCUPAÇÃO		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	
RELAÇÃO COM O BEM	☐ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☐ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____		

4. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.

--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

PE	01	00	12	F60	01
----	----	----	----	-----	----



Foto 01

Descrição: Batuqueiro do Maracatu Nação Estrela Brilhante de Igarassu com seu bombo, na Noite para os Tambores Silenciosos de Olinda.

Localizador: INRC - fotografias inventário 2012 - maracatus - Noite para os Tambores Silenciosos de Olinda - Estrela Brilhante de Igarassu - Tiago Guillen.

Anexo 2 (Registro nº: 785)



Foto 02

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE****01****00****12****F60****01**

Descrição: Batuqueira do Maracatu Nação Encanto do Pina com sua alfaia, em ensaio com Naná Vasconcelos, na Rua da Moeda.

Localizador: INRC - fotografias inventário 2012 - maracatus - ensaio com Naná Vasconcelos, na Rua da Moeda – Encanto do Pina - Patrícia Araújo.

Anexo 2 (Registro nº: 773)



Foto 03

Descrição: Batuqueiro do Maracatu Nação Cambinda Estrela com sua alfaia, em ensaio na própria sede.

Localizador: INRC - fotografias inventário 2012 - maracatus – ensaio com Naná Vasconcelos - sede - Cambinda Estrela - Tiago Guillen.

Anexo 2 (Registro nº: 775)



Foto 04

Descrição: Batuqueiros do Maracatu Nação Encanto da Alegria com seus bombos, na Abertura do Carnaval no Marco Zero.

Localizador: INRC - fotografias inventário 2012 - maracatus - abertura do carnaval com Naná Vasconcelos - Marco

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE 01 00 12 F60 01**

Zero – Encanto da Alegria - Patrícia Araújo.

Anexo 2 (Registro nº: 763)

5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

No atual contexto, a alfaia ou bombo é, sem dúvida, o instrumento que mais se destaca nos maracatus nação, é também um dos principais marcos identitários desta manifestação cultural. Por mais que esse instrumento seja utilizado em outras manifestações, como os cocos e alguns afoxés em Pernambuco, sua figura é diretamente associada aos maracatus nação. Outras denominações para este instrumento presente no cotidiano dos maracatuzeiros são “alfaia”, “faia”, “afalha” ou simplesmente tambor. Presente em todos os maracatus nação, a alfaia está classificada como instrumento de percussão da família dos membranofones, tratando-se de um cilindro de madeira, delimitado em suas extremidades por duas membranas. Essas membranas, ou peles, são sustentadas por aros de madeira, confeccionados de ripas de madeira que possuam boa envergadura, a exemplo do jenipapo e do pinho. A afinação do tambor é resultante da tensão proporcionada por sua amarração de corda, regulada por meio de furos aproximadamente equidistantes nos aros.

A forma de confecção e matérias-primas utilizadas nas alfaias variaram ao longo da história, mas, na contemporaneidade, é possível observar nas alfaias as seguintes partes:

BOJO: na contemporaneidade, constitui basicamente de um bojo (cilindro) de madeira folheado em compensado ou feito do tronco de macaíba (casca do tronco da macaibeira, palmeira típica da Mata Atlântica da região litorânea do Nordeste brasileiro) talhado internamente. A macaíba é valorizada atualmente devido à sua dimensão de diâmetro avantajado, casco duro e fibroso, somados a uma sonoridade grave, densa, de invejável acústica. Quando talhado internamente (tronco oco), gera uma sonoridade de timbres fortes e orgânicos. Alguns maracatus nação da atualidade, como o Estrela Brilhante do Recife, utilizam somente bombos de macaíba. Outros como o Cambinda Estrela e Leão da Campina utilizam tanto bojos de compensado como o de macaíba. Salienta-se que, atualmente, o corte das macaíbas está proibido pelo IBAMA, já que a palmeira está ameaçada de extinção. Por essa razão, muitos maracatuzeiros aproveitam quando encontram o tronco da palmeira já derrubado (por causa de obras da construção civil) para, assim, confeccionar a alfaia. Depois que o tronco é retirado, ele é serrado no tamanho que o artesão de instrumentos preferir; após essa etapa, é necessário talhar todo o interior do tronco para que só reste a casca da palmeira. Por fim, é colocado um aro interno para reforçar a estrutura da casca, estando pronta a primeira fase do tambor, o bojo. Maureliano Ribeiro da Silva, artesão de instrumentos conhecido nacionalmente, afirma que as alfaias de macaíba chegam já cortadas em toras de aproximadamente 40 cm de altura, a partir do que são desbastadas internamente com ferramenta artesanal presa a um cabo de enxada.

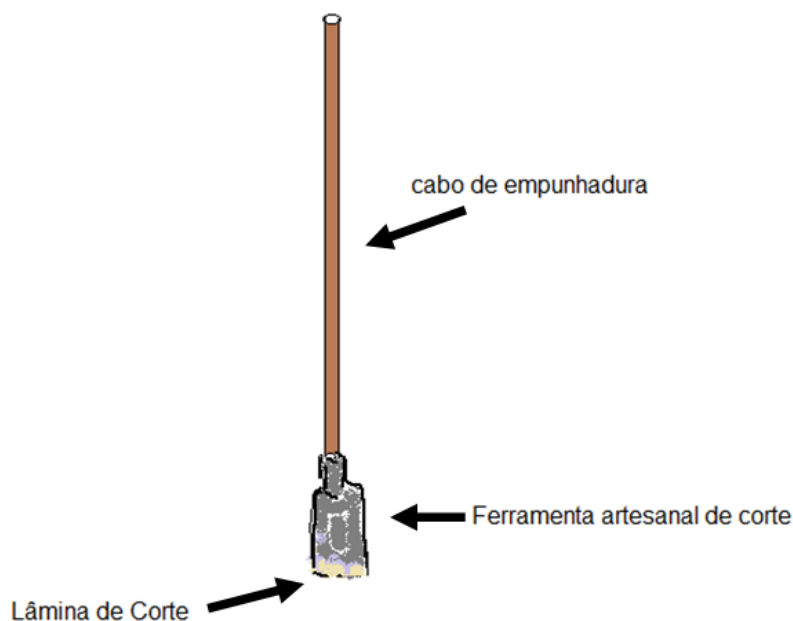


Figura 1. Ferramenta de desbaste do miolo da Macaíba – Desenho de Fernando Souza.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE****01****00****12****F60****01**

Feitura da Alfaia
Desbastamento interno da Macaiba

Ferramenta de Corte

Tora de Macaiba



Figura 6. Feitura da Alfaia. – Desenho de Fernando Souza para demonstração do processo de desbastamento interno da Macaiba na feitura da Alfaia.

No caso dos bojos de compensado, é necessária a compra da folha de compensado em loja especializada em materiais de construção ou de madeiras. Após a aquisição dessa matéria-prima, o artífice procede ao corte da folha, aferindo o tamanho que deseja para o bojo. O corte no tamanho desejado é torcido até atingir o ponto de cilindro onde são juntados, com o auxílio de cola e prego, e posto reforços para que não venham a abrir. O bojo dos bombos são perfurados com um furo de cerca de 1 cm de diâmetro conhecido como “respiro”, que serve para que o ar que se forma ao percutir a pele do tambor com a baqueta tenha um escape.

ARQUILHAS: são aros que possuem espessura que pode variar entre 1,0 cm e 1,5 cm aproximadamente. A madeira mais comum utilizada para tal é do tronco do jenipapo. Esta madeira é cortada em tiras, e as tiras são arqueadas ao ponto de formar um círculo, o qual é responsável pelo estiramento do couro animal, ação que os maracatuzeiros titulam de “empachamento”, ato de enrolar as extremidades do couro do bode na arquilha (aro menor), deixando o couro esticado para a colocação no bojo recebido por cima. Na figura abaixo apresentamos um dos modos de se empachar a pele das alfaias, salientando que existem diversos modos de se realizar este trabalho no contexto dos maracatus nação.

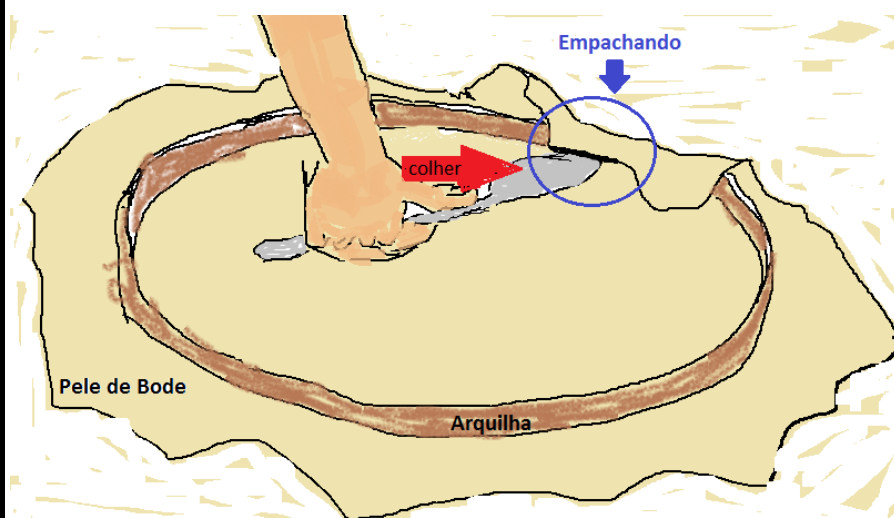


Figura 3. Alfaia - Empachamento da Pele. Desenho de Fernando Souza para identificação do modo de empachamento da pele.

No modo de empachamento representado acima, considerado o mais comum, a pele é colocada sobre um local plano,

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE****01****00****12****F60****01**

como uma mesa ou chão, a arquilha é colocada sobre a pele e a borda que sobra é envolta na arquilha, podendo ser fixada com as mãos e os dedos ou com alguma ferramenta, como uma colher, por exemplo, que pode ser utilizada como ferramenta improvisada. Outro modo de se empachar é aquele em que se coloca a pele ainda molhada sobre o bojo, passando a arquilha sobre a pele, fixando-a entre a arquilha e o bojo, envolvendo a parte que sobra na arquilha e fixa o restante na parte superior da arquilha.

ARO: pode ser do tronco do jenipapo, pinho, sumaúma ou de folhas de compensado. O tamanho é variável. De certo é que este possui espessura maior que a arquilha (cerca de 10,0 cm aproximadamente, não constituindo regra essa medida). Após ser aquecido, o pinho ou a sumaúma, ou imerso em água, no caso do jenipapo, são dobrados até atingirem a forma de círculo. Após a confecção do aro, este recebe furos - de acordo com o tamanho do bojo -, os quais serão atravessados pelas cordas de sisal ou nylon que, após serem entrelaçadas, serão responsáveis pela afinação do instrumento. Existe mais de um tipo de afinação dentro do contexto dos maracatus nação. Abaixo reproduzimos um dos modos de amarração das cordas e afinação das alfaias.

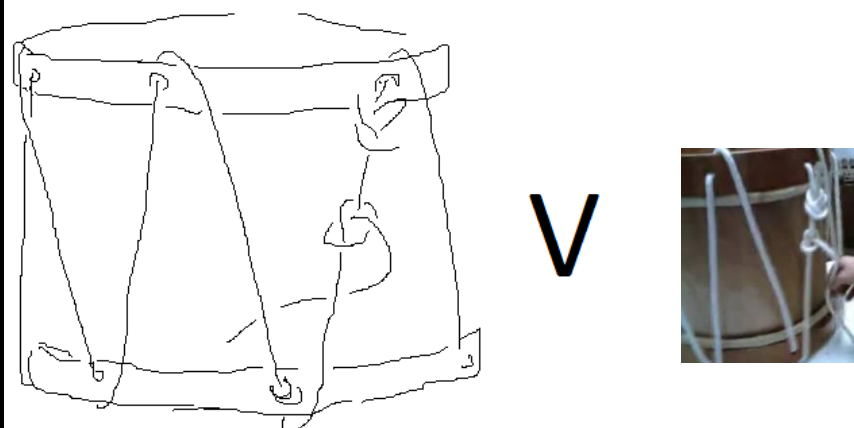


Figura 4. Alfaia – fotografia e desenho de Fernando Souza para identificação do modo de amarração em V.

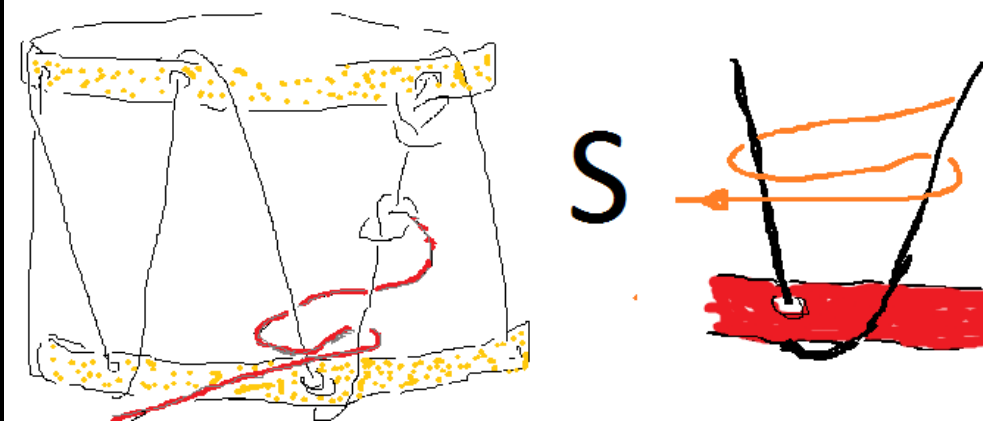


Figura 5. Alfaia – desenho de Fernando Souza para identificação do modo de amarração para afinação em S.

A forma de afinação representada na ilustração acima é conhecida como “S”. Nesse tipo de afinação, após formar o zig-zag que fixa os aros às peles e ao bojo, a corda restante passa entre o “V” que é formado pela passagem da corda entre os furos dos aros em forma de “S”. É um tipo de afinação encontrado nos maracatus nação Aurora Africana e Estrela Brilhante do Recife, por exemplo. Outra forma de afinar é com dois nós simples, sendo um para afinar e outro para fixar a amarração; após formar o zig-zag que fixa os aros às peles e ao bojo, a corda restante passa por baixo do “V”, que é formado pela passagem da corda entre os furos dos aros em forma de “F”. Os maracatus nação Porto Rico e Encanto do Pina utilizam essa afinação. Quanto mais apertada estiver a amarração das alfaias, mais agudo será o seu som.

PELES: são membranas de pele animal (geralmente bodes) distendidas sobre os dois lados do fuste (*corpo acústico do bombo*). Para ser utilizada, a pele tem que ser ressecada ao sol. Quando já resseca, e ainda com pelos do animal, recebe o tratamento para o empachamento indo para o cal. Após ressecar, basta jogar cinza por sobre os pelos e, após alguns minutos, puxar com as mãos ou empurrar contra os pelos uma madeira ou outro objeto qualquer. Mestre Toinho (vide ficha de mestre de batuque) observa que a maior pele de bode tem um metro de diâmetro, que permite fazer um bombo com 85 cm após empachado, para dar espaço para o aro; mas se for um aro de jenipapo, que, por sua

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE 01 00 12 F60 01**

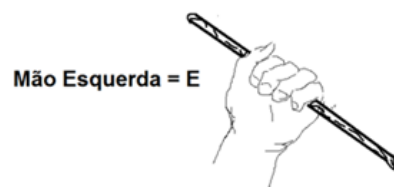
dureza e resistência, pode ser mais fino, a pele empachada pode ficar com 90 cm. A membrana animal é adquirida em curtumes da cidade ou em terreiros, quando existe a oferta de animais em suas celebrações. Quando tensionadas, as membranas recebem golpes com as baquetas para produzir o som do instrumento.

A membrana superior, em alguns casos, possui espessura mais grossa que a inferior, por ser ela a que recebe os golpes para ser repercutido o som do instrumento (BARBOSA, 2005, p. 93).

BAQUETAS: as baquetas utilizadas nos maracatus podem ser divididas em dois tipos: uma delas de diâmetro maior, com batedor de madeira, que produz o som mais intenso e grave; e outra mais fina, sem batedor em sua extremidade, que possui um diâmetro menor e produz o som mais agudo. A primeira baqueta descrita é utilizada pela mão direita, no caso de batuqueiros destros, ou com a mão esquerda, no caso dos canhotos, ou seja, pela mão de força. Essa baqueta é sempre confeccionada com madeira, e a mais comum é o jenipapo. A baqueta utilizada pela outra mão pode também ser feita de madeira de jenipapo, e, por vezes, é a mesma utilizada nos caixas e taróis. Nesse caso, elas são encontradas em lojas especializadas que vendem instrumentos musicais e acessórios. Esta baqueta pode também ser confeccionada a partir de um galho de goiabeira ou araçazeiro. Assim, é uma vara fina, resistente e flexível, denominada emicamente como “bacalhau”, no caso do Maracatu Estrela Brilhante de Igarassu, ou “rebate”, no caso do Maracatu Porto Rico ou Encanto do Pina. O bacalhau é mais fino e longo que o rebate, apesar de serem confeccionados com a mesma matéria-prima.



Mão de Força do Baque = X
(Mão Direita para os Destros)



Mão Esquerda = E

X = mão de força do batuqueiro (mão direita para os destros)

E = mão de apoio ao baque

Figura 7. Alfaia – Modo de empunhadura das baquetas. Desenho de Fernando Souza para identificação do modo de empunhadura.

As alfaias geralmente são pintadas nas cores do maracatu nação, podendo ser o bojo inteiro de uma cor e o aro de outra, ou ainda por meio de desenhos de losangos ou listras no bojo, com as cores do grupo alternadas. Os motivos em losango têm-se tornado muito populares nos últimos anos.



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE 01 00 12 F60 01**

Figura 8. Alfaia do Maracatu Nação Porto Rico, confeccionada e fotografada por Jamesson Florentino dos Santos. Na alfaia representada pela figura 8, observa-se que as cordas são de sisal, no entanto também é comum a utilização de cordas de nylon que, segundo os maracatuzeiros, têm maior durabilidade e não machucam tanto a mão no momento de afinar.

Os responsáveis pela confecção das alfaias podem ser artesão de instrumentos, como também os próprios maracatuzeiros. Na realidade, é muito comum que pessoas diretamente ligadas ao maracatu nação, como seu mestre ou batuqueiros, sejam as responsáveis pela confecção das alfaias, ou seja, o ofício de confeccionar as alfaias é um saber que circula no cotidiano dos maracatus nação. Por meio da observação e vivência, os batuqueiros aprendem (e são, inclusive, responsáveis) a afinar os instrumentos, realizar sua manutenção, e os mais interessados aprendem também a confeccioná-las. Em muitas sedes dos maracatus nação existem espaços destinados à confecção dos bombos, e, quando não há, eles geralmente são confeccionados na casa do principal responsável pela confecção. No caso dos artesãos que têm na confecção de instrumentos sua principal fonte de renda, é comum que eles recebam encomendas de batuqueiros provindos dos grupos percussivos (onde o saber acerca da confecção dos instrumentos não circula de maneira intensa como nos maracatus nação), ou mesmo de escolas e ONGs que possuam projetos sociais que trabalham com a linguagem da percussão (muito comuns em Pernambuco). Vale salientar também que existem alfaias à venda em lojas especializadas em instrumentos musicais, porém a maioria dos músicos fazem encomendas diretamente com os artesãos. No caso dos artesãos pertencentes aos maracatus nação, a encomenda de alfaias para contextos fora da própria agremiação é rara, ou seja, a maioria deles atende às demandas do próprio maracatu nação.

As alfaias podem ser confeccionadas em diversos tamanhos. Os tamanhos possuem uma numeração específica de acordo com seu diâmetro, sendo os tamanhos mais comuns o 18 e o 20, números referentes à quantidade de polegadas do diâmetro dos tambores. Salienta-se que, quanto maior a alfaia, maior precisa ser a pele, ou seja, a pele é mais cara e mais difícil de encontrar. Em alguns maracatus, o tamanho da alfaia irá condicionar o tipo de função a ser executada nela, ou seja, a marcação ou viração (em alguns grupos existem mais de um tipo de viração). Nesses casos, geralmente as alfaias maiores são as marcantes, pois possuem sonoridade mais grave que as menores. Em outros grupos, o tamanho do instrumento não vai interferir em sua função. Já foi ressaltado que, para obter o som das alfaias, suas peles são golpeadas com as baquetas. Desse golpe é possível obter dois tipos de som, um deles produzido pela sua vibração livre (som solto), e outro que resulta da inibição do seu processo natural de vibração (som preso), esse geralmente realizado pela mão oposta à mão de força, quando a baqueta toca na pele e permanece nela por um tempo, abafando o som.

Dentro do baque, a função da alfaia é a condução e manutenção da cadência rítmica. Seus toques, ou baques (vide fica correspondente), podem ser divididos basicamente em baques de marcação ou viração (variações e improvisos por cima das marcações). Os baques de marcação geralmente possuem uma forma cristalizada e pausas maiores entre uma batida e outra; já as virações podem ser mais livres e improvisadas (porém, em alguns casos, elas também possuem formas cristalizadas), e quase não possuem pausas. Não cabe a esta ficha descrever de forma detalhada os baques executados pelas alfaias, porém, mais informações acerca dos baques dos maracatus nação podem ser encontradas na Ficha de Forma de Expressão de Baque deste INRC.

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE**6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS**

Os espaços destinados à confecção de alfaias, muitas vezes denominados como oficinas, localizam-se nas próprias sedes dos maracatus nação, em espaços geralmente improvisados no quintal da casa do maracatuzeiro responsável por este trabalho, ou em oficinas de artesãos de instrumentos. Na maioria das vezes, as instalações são simples, tendo em vista que os profissionais da área, em sua maioria, são de origem humilde. Nesse sentido, os locais onde são realizadas as confecções de alfaias pertencem às comunidades de periferia.

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Nesse caso, o marco edificado relevante é a própria edificação onde ocorre a confecção do instrumento, e seu formato e organização varia de artesão para artesão ou ferreiro/serralheiro, ou mesmo de fábrica para fábrica.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE 01 00 12 F60 01****6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE**

Não existe um agenciamento do espaço especificamente para a confecção das alfaias. Geralmente a própria oficina estará abastecida de suas ferramentas de trabalho cotidianas que auxiliarão a confecção dos instrumentos. Esses espaços geralmente são ocupados com as matérias-primas utilizadas, colocadas em mesas, prateleiras ou mesmo amontoadas em algum canto, além das ferramentas de trabalho que podem ser pequenas, como martelos, ou grandes, como bancadas de serra.

7. TEMPO**7.1. PERIODICIDADE**

Os mineiros e ganzás estão presentes nos maracatus sempre que ocorrem as apresentações desses grupos, visto que tal instrumento atualmente é constitutivo do batuque dos maracatus nação. Sua compra ou encomenda pode ser realizada em diversos períodos do ano, a depender da necessidade de cada grupo.

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 2001

2001	2002	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

8. BIOGRAFIA

Item não contemplado nos objetivos da pesquisa.

9. ATIVIDADE**9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

Assim como não foram encontrados registros suficientes que possam datar o surgimento dos maracatus ou mesmo descrever suas formas de expressão e ofícios e modos de fazer, também não foram encontrados registros suficientes que permitam saber desde quando as alfaias, nesse atual formato, estão associadas à manifestação. A busca da origem das alfaias é algo recorrente entre os maracatuzeiros, os curiosos e também entre os intelectuais, principalmente os que realizaram estudos ao longo do século XX. É muito comum o discurso de que os maracatus nação, assim como seus instrumentos, tiveram origem na África. Como foi explicado ao longo das fichas desse INRC, não foram encontrados registros suficientes que comprovem as origens dos maracatus nação, mas tudo indica que a manifestação seja brasileira, formada a partir de contribuições negras, indígenas e ibéricas. Ao se buscar a etimologia dos termos utilizados para designar os tambores dos maracatus (alfaia, bombo e zabumba), observa-se que o primeiro é de origem árabe, o segundo é de origem itálica e o terceiro de origem conguesa (LIMA, 2005).

Em sua obra *Maracatus do Recife* (1955), César Guerra-Peixe afirma que os nomes recorrentes para esses tambores eram “zabumba” e “afalha”. Já o termo “bombo” foi utilizado para designar os tambores industrializados, utilizados, segundo seus informantes, em bandas e orquestras de salão. O termo zabumba, pelo visto, muito utilizado na época, atualmente caiu em desuso. Para ele, o termo “afalha” vinha do termo “faia”, madeira utilizada nos barris que carregavam vinho, azeite e bacalhau, e que seriam trazidos do Rio Grande do Sul. De fato, existem registros que apontam alfaias confeccionadas a partir desses barris, que eram utilizados como bojo dos instrumentos. Além de imagens e relatos de memória, existe também uma alfaia desse modelo exposta no Museu do Homem do Nordeste, pertencente ao antigo Maracatu Elefante de Dona Santa. Esses barris existiam em grande quantidade no Recife, logo é plausível a hipótese de que eles fossem utilizados para confeccionar as alfaias. Ou seja, a partir do exposto, percebe-se que, já em meados do século XX, os tambores utilizados em alguns maracatus nação eram bimembranofônicos (com duas peles), afinados por meio de cordas. Ainda assim, de acordo com relatos de memória recolhidos pelo maestro na cidade de Palmares, em tempos passados existia um maracatu chamado Porto Rico que utilizava tambores unimembranofônicos em seu batuque, ou seja, tambores semelhantes aos atabaques. Tal narrativa serve, atualmente,

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE 01 00 12 F60 01**

de justificativa para os maracatus nação que, no início do século XXI, adotaram atabaques em seu batuque. Quanto ao fato da madeira utilizada neles (“faia”) ter resultado no termo “alfaia”, não foram encontrados registros suficientes para comprovar tal versão. Quanto à origem do tambor, se é africano ou não, vale salientar que o mesmo modelo de tambor (bojo de madeira, peles animais e afinação por corda) era utilizado pelos militares ingleses, franceses, alemães e portugueses. Desse modo, esses militares podem ter trazido seus tambores para o continente africano nos tempos do colonialismo. Assim, os africanos trazidos para o Brasil como escravos poderiam já ter familiaridade com tal modelo de tambor por causa de sua presença na África, por meio desses militares. Outra hipótese é que esses escravos tenham se familiarizado com eles no Brasil, por meio da observação dos tambores utilizados pelos militares presentes na colônia a serviço da coroa portuguesa. Por essa razão, o modelo de tambor utilizado atualmente pelos maracatus nação não se constitui necessariamente numa herança africana (LIMA, 2005, p. 59). Ainda sobre o modo de se confeccionar os tambores no passado, existe um discurso no meio maracatuzeiro que afirma que as alfaias eram confeccionadas a partir do tronco da macaíba. De acordo com o maracatuzeiro e historiador Ivaldo Marciano de França Lima (2005), não foram encontrados registros que comprovem tal discurso. As alfaias de macaíba estão presentes em diversos maracatus nação da atualidade, porém não foram encontrados registros precisos que apontem para o início de sua utilização.

Em sua descrição acerca do referido instrumento, Guerra-Peixe afirma que a quantidade de “zabumbas” presentes nos batuques dos maracatus variava de cinco a dez, sendo eles sustentados por talabartes. Assim, como nos dias de hoje, os tambores dos maracatus nação eram pintados geralmente com as cores da agremiação, que, de acordo com o maestro, normalmente representavam as cores dos orixás protetores de cada maracatu nação. A pintura não tinha por função apenas a decoração, mas também a proteção da madeira utilizada no bojo.

Quanto à confecção das zabumbas, o maestro aponta que eram feitas de modo artesanal, compondo-se de: “bojo, arco, pele ou couro e cabinho (corda)” (GUERRA-PEIXE, 1955, p. 61). De acordo com ele, os bojos menores possuíam um furo, conhecido por “suspiro” e os maiores, dois. As peles eram de bode e o processo de preparação dessa pele ocorria do mesmo modo que ocorre nos dias de hoje. O empachamento da pele na arquilha, denominada pelo maestro como “arco menor”, era realizado de modo distinto, pois, após cortada no tamanho ideal, baseada no tamanho da arquilha, ela era perfurada nas suas extremidades e costurada para se anexar, ao invés de ser envolta na arquilha com o auxílio das mãos ou de uma colher. Vale transcrever aqui o modo de empachamento descrito por Guerra-Peixe:

“1.º) coloca-se a pele sob um dos arcos menores e calcula-se os lugares onde a membrana deverá ser cortada. O corte, mais ou menos circular, convém exceder um pouco ao tamanho do arco maior; 2.º) com um objeto pontiagudo, perfura-se o couro em oito lugares equidistantes; 3.º) passa-se um barbante forte – ou fio que usam os consertadores de calçados – pelas perfurações da membrana, ao mesmo tempo em que vai sendo atada ao arco menor, levando diversos nós, a fim de que fique bem segura; 4.º) repete-se a operação com a outra pele e com o arco menor; 5.º) passa-se o cabinho (corda) pelos orifícios dos arcos maiores, observando-se tanto quanto possível a disposição que devam tomar definitivamente no instrumento; 6.º) ajeita-se o bojo do tambor numa posição favorável e coloca-se os dois arcos menores, já com as respectivas membranas; 7.º) acrescenta-lhe os arcos maiores, um de cada lado, e, pouco a pouco, aperta-se a corda, ora puxando-a de um lado, ora de outro, observando-se o máximo equilíbrio entre os lados gradativamente apertados...” (GUERRA-PEIXE, 1955 p.62).

Quanto aos tamanhos das alfaias, Guerra-Peixe salienta que as maiores executavam a função de marcante, as intermediárias a função de meio e as menores a de repique (para maiores informações vide ficha de baque), ou seja, o tamanho das alfaias condicionava a sua função. O mesmo se repetia nas afinações. As dos marcantes e meios são mais graves e as dos repiques mais agudas. Tais funções são raramente encontradas nos maracatus atualmente, e os termos e atribuições das funções são, inclusive, criticados por alguns maracatuzeiros.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE 01 00 12 F60 01****9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES**

Atualmente é possível observar uma crescente valorização do batuque dos maracatus nação em detrimento do cortejo, e, no batuque, o destaque recai sobre as alfaias. Se em contextos passados não era possível conceber um maracatu nação sem seu cortejo, atualmente observa-se que muitas apresentações desses grupos trazem apenas seu batuque. Nesse sentido, não se pode afirmar com precisão se em tempos passados as alfaias tinham tanta popularidade dentre os maracatuzeiros como nos dias de hoje. Provavelmente, por conta do súbito interesse despertado pelos maracatus nação no contexto do mercado cultural, a alfaia foi elevada como símbolo maior dos maracatus nação, bem como de uma identidade pernambucana, atingindo outras raças e classes que não só as negras e populares.

Outra narrativa acerca das alfaias é a atrelada à sua origem ou formato no passado. Como já foi apontado no campo 9.1 desta ficha, existe um forte discurso por parte de alguns maracatuzeiros que afirmam que as alfaias eram tradicionalmente confeccionadas a partir do bojo da macaíba. Tal hipótese possui seus fundamentos, tendo em vista que, assim como os barris de vinho eram materiais disponíveis aos maracatuzeiros, as macaibas, que na época não estavam ameaçadas de extinção, também eram. No entanto, o que interessa evidenciar aqui não é o fato de tal hipótese ter comprovação histórica ou não, mas sim o fato de como esse discurso é utilizado para legitimar as práticas de alguns maracatus nação, que buscam (assim como os outros) provar sua autenticidade e tradição. Outra polêmica em torno dos “tambores” utilizados nos maracatus nação é acerca da inserção dos atabaques. O instrumento não é considerado tradicional nos maracatus por grande parte dos maracatuzeiros. No entanto, Mestre Chacon Viana, o primeiro a inserir tais instrumentos, afirma que, no passado, de acordo com sua leitura das obras de Guerra-Peixe (1955) e Pereira da Costa (1908), os tambores utilizados nos maracatus eram os atabaques. Nesse sentido, o atual mestre do Maracatu Porto Rico acredita estar resgatando uma antiga tradição.

9.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
Meados do século XX	Registros indicam que parte das alfaias confeccionadas na época eram feitas com barris.
1955	Publicação da obra <i>Maracatus do Recife</i> , de autoria de César Guerra-Peixe.

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS**10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS**

Nas fichas de ofícios e modos de fazer referentes aos instrumentos musicais existentes nos maracatus nação, o próprio instrumento descrito é considerado como produto patrimonial.

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO

ETAPA	ATIVIDADE
Encomenda	As alfaias geralmente são confeccionadas sob encomenda de maracatuzeiros ou demais músicos.
Confecção da alfaia (Bojo)	Se o bojo for de macaíba é preciso cortar o tronco na dimensão que se espera para o bojo e talhar a parte interna do tronco, para torná-lo oco. No caso dos bojos de compensado, o artesão procede ao corte da folha aferindo o tamanho que deseja para o bojo. O corte no tamanho desejado é torcido até atingir o ponto de cilindro onde são juntados com o auxílio de cola e prego e posto reforços para que não venham a abrir. O bojo dos bombos, tanto de compensado como de macaíba, são perfurados com um furo de cerca de 1 cm de diâmetro, conhecido como “respiro”, que serve para que o ar que se forma ao percutir a pele do tambor com a baqueta tenha um escape. Os bojos de compensado geralmente são pintados com as cores do maracatu nação ao qual pertence, seja com a cor chapada ou com losangos vazados; cada um deles é pintado alternadamente com as cores da agremiação. No caso dos bojos de macaíba, eles geralmente se mantêm no tom natural, recebendo apenas uma camada de verniz.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	PE	01	00	12	F60	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Confeção da alfaia (arquilha)	da	A madeira mais comum utilizada para confeccionar as arquilhas é a do tronco do jenipapo. Esta madeira é cortada em tiras, e essas tiras são arqueadas ao ponto de formar um círculo. A espessura pode variar entre 1,0 cm e 1,5 cm aproximadamente.
Confeção da alfaia (aro)	da	O aro pode ser do tronco do jenipapo, pinho, sumaúma ou de folhas de compensado. O tamanho é variável. De certo é que ele possui espessura maior que a arquilha (cerca de 10,0 cm, aproximadamente, não constituindo regra esta medida). Após ser aquecido, no caso do pinho ou da sumaúma, ou imerso em água, no caso do jenipapo, são dobrados até atingirem a forma de círculo. Após a confecção do aro, este recebe furos - de acordo com o tamanho do bojo -, os quais serão atravessados pelas cordas de sisal ou nylon. O aro pode ser pintado com as cores do maracatu nação ao qual pertence, sendo de maneira chapada ou com desenho de triângulos ou losangos, sendo cada um deles pintado alternadamente com as cores da agremiação.
Confeção da alfaia (pele)	da	Para ser utilizada, a pele tem que ser ressecada ao sol. Quando já resseca, e ainda com pelos do animal, recebe o tratamento para empachamento, indo para o cal. Depois de ressecar, basta jogar cinza sobre os pelos e, após alguns minutos, puxar com as mãos ou empurrar contra os pelos uma madeira ou outro objeto qualquer.
Confeção da alfaia (passo a passo)	da	O primeiro passo na confecção da alfaia, ou bombo, após a preparação dos itens supracitados, é o empachamento da pele na arquilha. A técnica pode ser realizada de duas maneiras (considerando aqui a possibilidade de existir outras técnicas para empachar). Na primeira e mais comum, a pele é colocada sobre um local plano como uma mesa ou chão, a arquilha é colocada sobre a pele e a borda que sobra é envolta na arquilha, podendo ser fixada com as mãos e os dedos ou com alguma ferramenta, como uma colher, por exemplo, que pode ser utilizada como ferramenta improvisada. Outro modo de se empachar é aquele no qual se coloca a pele ainda molhada sobre o bojo passando a arquilha sobre a pele, fixando-a entre a arquilha e o bojo, envolvendo a parte que sobra na arquilha e fixando o restante na parte superior da arquilha. Após o empachamento, a pele é encaixada nas extremidades do bojo e, por cima dela, são encaixados os aros, cada um também em uma das extremidades. Pelos buracos presentes nos aros, são passadas cordas de sisal ou nylon, que, trançadas e amarradas de maneira específica, serão as responsáveis pela afinação do bombo. É possível que existam diversos modos de se afinar as alfaias, porém dois deles são os mais utilizados. A primeira técnica de afinação é conhecida por "S". Nesse tipo de afinação, após formar o zig-zag que fixa os aros às peles e ao bojo, a corda restante passa entre o "V" que é formado pela passagem da corda entre os furos dos aros em forma de "S". Outra forma de afinar é com dois nós simples, um para afinar e outro para fixar a amarração; após formar o zig-zag que fixa os aros às peles e ao bojo, a corda restante passa por baixo do "V", que é formado pela passagem da corda entre os furos dos aros em forma de "F". Após a afinação, a alfaia está pronta.
Comercialização		Depois de pronto, a pessoa que realizou a encomenda geralmente vai até a oficina e pega seu instrumento.

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
Artesão de instrumentos	Obter a matéria-prima e confeccionar a alfaia dentro de uma oficina.
Comprador (maracatuzeiro)	Comprar o instrumento.

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	A confecção dos bombos é feita geralmente por artesãos de instrumentos ou mesmo pelos próprios maracatuzeiros. As oficinas podem ser simples, muitas vezes agregadas à própria casa do profissional ou à sede do maracatu nação, ou mais elaboradas.
-----------	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	PE	01	00	12	F60	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

QUEM PROVÊ	Os artesãos de instrumentos geralmente são profissionais liberais, ou seja, são os provedores do capital para a compra da matéria-prima, bem como do espaço onde é montada a oficina. Já no caso dos maracatuzeiros que confeccionam os bombos, o capital e as instalações (oficina) são providos pelo maracatu nação.
FUNÇÃO	O capital e as instalações têm a função de fornecer condições estruturais para a confecção dos instrumentos.

10.5. MATÉRIAS-PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	As matérias-primas utilizadas na confecção das alfaías são tronco de macaíba ou folhas de compensado, ripas de jenipapo e/ou pinho, peles de bode e cordas de sisal ou nylon. As ferramentas de trabalho são serrote, máquinas de cerrar do tipo circular, tico-tico ou bancada de serra, ferramenta de corte (fig. 1), pregos, martelo, cola branca, cola fórmica, lixa, verniz, tinta, esmalte sintético de várias cores e pincéis de diversos tamanhos.
QUEM PROVÊ	O artesão de instrumentos ou o maracatu nação.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	As matérias-primas e ferramentas, nesse caso, têm função utilitária, ou seja, a de confeccionar o instrumento.
DISPONIBILIDADE	Os materiais podem ser encontrados em lojas de materiais de construção ou artigos para marceneiros e ferreiros e serralheiros.

10.6. COMIDAS E BEBIDAS /ITEM NÃO CONTEMPLADO NOS OBJETIVOS DA PESQUISA

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS

DESCRIÇÃO	São considerados como objetos ou instrumentos rituais aqueles que passaram por algum processo de sacralização. No caso dos bombos, um número considerável de maracatus nação oferecem obrigações para tais instrumentos. Quando as obrigações ocorrem, o instrumento pode ser banhado ou apenas “pincelado” com sangue animal, ou lavado com banho de amassi (composto de ervas que tem como função purificar pessoas ou mesmo objetos).
QUEM PROVÊ	Os próprios maracatus nação.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Purificar o instrumento e trazer proteção ao maracatu nação.

10.8. TRAJES E ADEREÇOS /ITEM NÃO CONTEMPLADO NOS OBJETIVOS DA PESQUISA

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE****01****00****12****F60****01****10.9. DANÇAS /ITEM NÃO CONTEMPLADO NOS OBJETIVOS DA PESQUISA**

DESCRIÇÃO	
QUEM EXECUTA	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES /ITEM NÃO CONTEMPLADO NOS OBJETIVOS DA PESQUISA

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.11. INSTRUMENTOS MÚSICAIS /ITEM NÃO CONTEMPLADO NOS OBJETIVOS DA PESQUISA

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO /ITEM NÃO CONTEMPLADO NOS OBJETIVOS DA PESQUISA

EXECUTANTE	ATIVIDADE

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO ☒	VENDE ☒	TROCA ☐	OUTRO ☐	ESPECIFICAR
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☒	NÃO ☒	PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☒	COMPLEMENTO ☒
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☒	INTERMEDIÁRIO ☒	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐	

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

Item não contemplado nos objetivos da pesquisa.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE****01****00****12****F60****01****13. BENS ASSOCIADOS**

Sítio (9)

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Obrigações Religiosas	2
Baque	6
Batuque	7
Toada/Loa	18
Batuqueiro	20
Caixa/Tarol	21
Gonguê	22
Mestre de Batuque	23
Mineiro/Ganzá	24

Recife (24)

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Grupos Percussivos	28
Maracatu Nação Almirante do Forte	29
Maracatu Nação Cambinda Africano	30
Maracatu Nação Cambinda Estrela	31
Maracatu Nação Centro Grande Leão Coroado	32
Maracatu Nação Elefante	33
Maracatu Nação Encanto da Alegria	34
Maracatu Nação Encanto do Dendê	35
Maracatu Nação Encanto do Pina	36
Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife	37
Maracatu Nação Estrela Dalva	38
Maracatu Nação Gato Preto	39
Maracatu Nação Leão da Campina	40
Maracatu Nação Linda Flor	41
Maracatu Nação Lira do Morro da Conceição	42
Maracatu Nação Oxum Mirim	43
Maracatu Nação Porto Rico	44

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	PE	01	00	12	F60	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Maracatu Nação Raízes de Pai Adão	45
Maracatu Nação Rosa Vermelha	46
Maracatu Nação Sol Nascente	47
Maracatu Nação Tupinambá	48
Maracatus Mirins	49
Abê	58
Atabaque (ou Tabaque)	59

Olinda (5)

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Maracatu Nação Axé da Lua	8
Maracatu Nação Estrela de Olinda	9
Maracatu Nação Leão Coroado	10
Maracatu Nação Nação de Luanda	11
Maracatu Nação Tigre	12

Igarassu (1)

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Maracatu Nação Estrela Brilhante de Igarassu	2

Jaboatão (3)

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Maracatu Nação Aurora Africana	2
Abê	4
Atabaque (ou Tabaque)	5

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE 01 00 12 F60 01****15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS****15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

CARVALHO, Ernesto Ignácio de. **Diálogo de negros, monólogo de brancos**: Transformações e apropriações musicais no maracatu de baque virado. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós – Graduação em Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2007. (anexo 1 nº: 157)

GUERRA_PEIXE, César. **Maracatus do Recife**. 2. ed. Recife: Irmãos Vitale, 1981. p. 171. (Coleção Recife, v. XIV). (anexo 1 nº:33)

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Toadas de maracatu e músicas de afoxés: ressignificação de valores, sentidos e tradições na cultura afro-descendente pernambucana. **A Cor das Letras** (UEFS), 2007. (anexo 1 nº 116)

SANTOS, Climério de Oliveira; RESENDE, Tarcísio Soares. **Batuque Book**: Maracatu Baque Virado e Baque Solto. Recife, Ed. do Autor, 2005. ISBN: 8590534715. (anexo 1 nº:77)

SOUZA, Fernando. **Esquentando os Tambores**. Manual de Percussão dos Ritmos Pernambucanos. Recife: FUNCULTURA/CEL, 2011. (anexo 1 nº:91)

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

792; 793; 798; 799; 803; 804; 805; 806; 808; 809; 811; 812; 818; 819; 820; 821; 822; 826; 827; 828; 829; 830; 831; 832; 833; 834; 835; 836; 837; 838; 839; 840; 841; 842; 843; 844; 892; 893; 895; 896; 897; 898; 899; 900; 901; 902; 903; 904; 905; 906; 907; 908; 909; 910; 911; 912; 913; 914; 915; 916; 917; 918; 919; 920; 921; 922; 923; 924; 925; 926; 927; 928; 929; 930; 931; 960; 961; 962; 965; 966; 967; 968; 969; 970; 971; 1013; 1014; 1015; 1016; 1017; 1018; 1019; 1020; 1021; 1022; 1023; 1024; 1025; 1026; 1027; 1028; 1029; 1030; 1031; 1032; 1033; 1034; 1035; 1036; 1037; 1038; 1039; 1040; 1041; 1042; 1043; 1044; 1045; 1046; 1047

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

1; 2; 3; 4; 5; 6 ;7 ; 11; 12; 14; 16; 21; 26; 32; 33; 42; 43; 72; 79; 93; 103; 129; 130; 131; 132; 133; 134; 145; 153; 159; 166; 191; 193; 194; 196; 197; 198; 227; 228; 248; 249; 263; 275; 276; 279; 284; 286; 287; 289; 290; 291; 299; 327; 332; 339; 341; 349; 351; 353; 355; 356; 359; 360; 361; 362; 363; 368; 370; 371; 373; 376; 377; 378; 379; 386; 390; 391; 393; 397; 400; 401; 404; 405; 407; 408; 412; 413; 414; 415; 416; 420; 423; 430; 432; 436; 438; 439; 440; 443; 444; 445; 452; 453; 461; 468; 472; 482; 483; 485; 486; 501; 503; 507; 511; 514; 516; 517; 518; 519; 520; 522; 523; 531; 532; 533; 534; 537; 538; 540; 543; 546; 549; 552; 558; 560; 561; 570; 573; 578; 582; 583; 585; 586; 590; 592; 594; 597; 599; 602; 603; 604; 605; 609; 612; 624; 627; 628; 629; 630; 631; 633; 635; 638; 639; 642; 643; 644; 648; 653; 655; 663; 668; 669; 676; 679; 686; 687; 689; 690; 697; 699; 701; 705; 707; 711; 713; 715; 720 ;734; 738; 739; 740; 742; 743; 744; 745; 746; 747; 748; 749; 750; 751; 752; 753; 754; 755; 756; 757; 758; 759; 761; 762; 763; 764; 765; 766; 767; 768; 769; 770; 771; 772; 773; 774; 775; 776; 777; 778; 779; 780; 781; 782; 783; 784; 785; 786; 787; 788

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**PE 01 00 12 F60 01****16. OBSERVAÇÕES****16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

Não.

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Não.

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Para este INRC, foram preenchidas fichas de identificação de alguns bens culturais com base no depoimento de diversos maracatuzeiros entrevistados, para, assim, contemplar a diversidade de pontos de vistas que os detentores do maracatu nação possuem acerca de seus bens, sem privilegiar o ponto de vista de um maracatuzeiro em detrimento de outro. O bem descrito nesta ficha se enquadra nesse contexto.

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Esta ficha foi preenchida com base em informações concedidas pelos maracatuzeiros e demais entrevistados para este INRC, com roteiro específico elaborado pela equipe de pesquisa.		
PESQUISADOR(ES)	Isabel Cristina Martins Guillen, Ivaldo Marciano de França Lima, Anna Beatriz Zanine Koslinski, Jailma Maria de Oliveira, Fernando Antônio Ferreira de Souza, Lydiane Batista de Vasconcelos, Fábio de Souza Sotero, Patrícia Roberta da Silva Araújo, Lunara Caroline Nascimento Gomes, Walter de França Filho, Juliana Ferreira Campos Leite, Angelina Lima.		
SUPERVISOR	Anna Beatriz Zanine Koslinski.		
REDATOR	Anna Beatriz Zanine Koslinski e Fernando Antônio Ferreira de Souza.		DATA 26/10/2012
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Isabel Cristina Martins Guillen.		